

Reflexões sobre leitura, literatura e constituição do sujeito (leitor): as dimensões da leitura e a constituição do sujeito (leitor)

Tânia M. K. Rösing
UPF
Maria Isabel Bristott
UPF

A leitura é recomendada - de forma unânime - pelos envolvidos com as *Questões de leitura*,¹ por possibilitar a formação do sujeito reflexivo e crítico, capaz de compreender e compreender-se, interpretar e interpretar-se, apropriar e apropriar-se do seu papel e do seu lugar na sua história e, também, na história do outro e na história da sociedade.

Parece óbvio que é de responsabilidade da família, da escola, da sociedade e das políticas públicas investir e incentivar a leitura. Apesar disso, o que se vê são ações com pouco comprometimento e quase nenhum investimento afetivo e financeiro. Marina Colasanti, na sua obra *Fragatas para terras distantes*, no ensaio - Duas frases para muita manga - argumenta:

[...]

Se uma criança pega um livro apenas para se distrair, ou até mesmo para agradar alguém, e com esse livro se distrai, sim, mas sem maiores diálogos ou sobressaltos da alma, [...]. Nada nos garante que essa criança que não se emocionou verdadeiramente ao ler, que não aprendeu com o livro nada sobre si, que não estabeleceu a relação inconsciente entre leitura e vivência, tenha se tornado leitora. [...] (COLASANTI, 2004, p.161)

Qualquer pessoa que sente o prazer da leitura sabe que não é simples o processo. Não basta que tenha acesso ao livro, que saiba decodificar os sinais gráficos, é necessário respeito ao tempo e à história de cada um. Vincent Jouve abre uma série de caminhos com suas reflexões acerca da leitura na obra *A Leitura*. Ele parte da estética da recepção e enfoca a importância do

¹ RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tânia M. K. (Org.). *Questões de leitura*. Passo Fundo: UPF, 2003.

receptor do texto, no qual indica as várias direções da leitura e sua pluralidade.

Ele diz:

A leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções. Entre as numerosas sínteses propostas, fundamentamo-nos na de Gilles Thérien (1990, p.1-4) “ Pour une sèmiotique da la lecture” [“Por uma semiótica da leitura”], que vê na leitura um processo com cinco dimensões.[...] (JOUVE, 2002, p.17).

Os caminhos a serem percorridos neste ensaio, como reflexão para as questões de leitura, são as cinco dimensões que o processo da leitura envolve, segundo Thérien: processo neurofisiológico; processo cognitivo; processo afetivo; processo argumentativo e processo simbólico. Relacioná-las com a teoria psicanalítica, de Sigmund Freud, a partir dos fundamentos metapsicológicos², parece viável, uma vez que significa pensar a leitura como processo e, também, expressão das pulsões de autoconservação³ e das pulsões sexuais⁴. Nessa teoria, a pulsão⁵ tem uma função vital “... de que faz o organismo tender para um objetivo...”; - a leitura também. É com este foco que a leitura deve ser pensada, implicando questões que não se esgotam em si, cujas respostas podem ser buscadas a vida toda. Maria Helena Martins, no livro *O que é leitura*, aponta o início desta trajetória:

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço

² Termo criado por Freud para designar a psicologia por ele fundada, considerada na sua dimensão teórica. A metapsicologia elabora um conjunto de modelos conceituais mais ou menos distantes da experiência, tais como a ficção de um aparelho psíquico dividido em instâncias, a teoria das pulsões, o processo do recalque, etc. A metapsicologia leva em consideração três pontos de vista: dinâmico, tópico e econômico. LAPLANCHE E PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

³ Expressão pela qual Freud designa o conjunto das necessidades ligadas às funções corporais essenciais à conservação da vida do indivíduo; a fome constitui o seu protótipo. (...) Freud contrapõe as pulsões de autoconservação às pulsões sexuais. Idem, Ibidem.

⁴ Pressão interna que, segundo a psicanálise, atua num campo muito mais vasto do que as atividades sexuais no sentido corrente do termo.(...) A psicanálise mostra que a pulsão sexual no homem está ligada a um campo de representações ou fantasias que a especificam.(...) Idem, Ibidem.

⁵ Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte uma excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta. Idem, Ibidem.

diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. A luz excessiva nos irrita, enquanto a penumbra tranqüiliza. O som estridente ou um grito nos assusta, mas a canção de ninar embala nosso sono. [...] O cheiro do peito e a pulsação de quem nos amamenta ou abraça podem ser convites à satisfação ou ao rechaço. Começamos assim a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender.(MARTINS,1994, p.11).

No que diz respeito à leitura se constituir num *processo neurofisiológico*, é porque, antes de tudo, a leitura é um ato concreto, observável, que recorre a uma faculdade definida do ser humano. Ler é, anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação mental, de percepção. Porém, ainda, quando a criança não tem o domínio da leitura no código escrito, já se aventura em decifrar outros códigos para pertencer ao mundo. Entre eles está a atividade oral do lactente que, além da saciação da fome – pulsão de autoconservação -, promove sensações de prazer – pulsão sexual – é aí que, na minha percepção, ela inicia a aventura para decifrar os primeiros códigos do mundo civilizado – o seio ou substituto é o texto. Ele serve de apoio⁶, promove a saciação, o prazer, o desprazer e representa o mundo.

A mãe ou substituto que já estabeleceu os códigos de comunicação com a criança é, normalmente, capaz de ler a demanda dela. Assim, a representação dos sinais tão rudimentares, como a fome, a dor, o choro, começa a existir com a leitura compreensiva do Outro.

As primeiras leituras passam, inevitavelmente, por essas primeiras inscrições, e o texto, que a criança instintivamente vai decodificando por meio das sensações provocadas por quem lhe atende, e como desperta nela essa troca, vai armazenando recursos para interagir e avançar junto ao Outro e ao meio em que está inserida. Leandro de Lajonquière, no texto - Desenvolvimento ou constituição do sujeito (do desejo): *That is the question!* –

⁶[...] A noção de apoio, ajudando a compreender a gênese da sexualidade, permite definir o lugar desta na teoria de Freud. [...] Em certo sentido, a sexualidade pode ser encontrada em toda parte, nascendo no próprio fundamento das atividades corporais, e também, como Freud indica em *Três ensaios*, em todas as espécies de outras atividades intelectuais, [...] LAPLANCHE E PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

na obra *De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens. A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber* reforça esta concepção, faz uma incursão pelas bases teóricas que fundamentam as aprendizagens e alicerça o seu pensamento nos fundamentos psicanalíticos (transferenciais) de Freud e de Lacan:

O recém-nascido, [...], já tem um lugar reservado na trama desiderativa que começou a tecer quem sabe quando. A trama é infinita [...]; o desejo deseja o desejo do outro enquanto outro desejante. Em outras palavras, *o objeto do desejo é o desejo do Outro*, que é mais ou menos o mesmo que dizer que cada um de nós deseja ser desejado pelo outro.[...] A subjetividade está sempre em germe no desejo do outro; ela só precisa de um organismo para poder 'encarnar'. [...] O Outro é aquele que sustenta, pulsiona, o sujeito a viver avançando. (LAJOUNQUIÈRE, 1992, p.157-159)

Então, um ato que cumpre satisfatoriamente as funções neurofisiológicas da leitura – funções autoconservativas em Freud - cumpre, também, a função fundante do sujeito psíquico, pois dá suporte ao simbólico⁷ que, no decorrer da história de vida, encontrará representação⁸ – a leitura é uma delas.

Tratando-se, também, de um *processo cognitivo*, ocorre que, depois que o leitor percebe e decifra os signos, ele tenta entender do que se trata o texto. A conversão das palavras em elementos de significação supõe um esforço de interação, de abstração, de interpretação e de memória. Quanto à memória, Laplanche e Pontalis trazem uma importante contribuição:

[...] sabemos que Freud não tem uma concepção estritamente empírica da memória, segundo a qual ela seria um receptáculo puro e simples de imagens; mas fala de sistema mnésico, multiplica a lembrança em diferentes séries associativas e, por fim, designa de traço mnésico muito mais um signo sempre coordenado com outros[...]. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1991, p.449)

⁷ Termo empregado (na sua forma de substantivo masculino) por J. Lacan, que distingue no campo da psicanálise três registros essenciais: o simbólico, o imaginário e o real. O simbólico designa a ordem de fenômenos de que trata a psicanálise, na medida em que são estruturados como uma linguagem. Este termo refere-se também à idéia de que a eficácia do tratamento tem o seu elemento propulsor real no caráter fundador da palavra. LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Percebe-se que a memória é um elemento fundamental para a constituição de um sujeito leitor. Jean - Marie Dolle (1993), na obra *Para além de Piaget e Freud* faz uma síntese da concepção piagetiana da memória e o lugar que ocupa no contexto da aprendizagem porque, conforme o que ela estabelece por experiência, os conteúdos memorizados dependerão diretamente do nível atingido pelos estágios do conhecimento. Logo, as lembranças passam por uma reelaboração constante em função das estruturas que vão sendo adquiridas, aperfeiçoadas ou ainda ampliadas ao longo da vida. Por isso, pode-se dizer que a compreensão do texto pressupõe um conhecimento prévio armazenado para que o leitor prossiga nas aventuras de leitura.

Quanto a se configurar como um *processo afetivo*, pode se afirmar que o encanto da leitura provém, em grande parte, das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua afetividade. Laplanche e Pontalis, em relação ao afeto dizem: “[...] Segundo Freud, toda pulsão se exprime nos dois registros, do afeto a e da representação. O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações. (LAPLANCHE E PONTALIS, 1991, p.9). E, representação na mesma fonte traz: “Termo clássico em filosofia e em psicologia para designar aquilo que se representa, o que forma o conteúdo concreto do ato de pensamento [...]” (Idem, 1991, p. 449).

Enquanto se tenta compreender melhor as intersecções que as dimensões da leitura possuem, explora-se a sua complexidade, na ânsia de reforçar o sentido dela, na dimensão subjetiva do sujeito. Pode-se dizer que se vai “aventurando” por caminhos que se completam e se cruzam, formando uma rede de comunicação, de significação e de ressignificação.

O despertar afetivo que acontece com a leitura é mais fácil de entender, quando o leitor se prende a uma personagem, interessa-se pelo que lhe acontece e pela narrativa, isto é, identifica-se com ela. Assim, pode-se dizer que o engajamento afetivo, as experiências emocionais do leitor são de fato um componente essencial para leitura em geral e está na base da identificação.⁹

⁹ Processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. [...] LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Jouve reforça a importância da identificação para o desenvolvimento do leitor e se vale dos fundamentos freudianos, nos quais esta reflexão também se embasa.

Na maioria das vezes, é o jogo das identificações que permite o “desenvolvimento” do leitor. A identificação – Freud sempre chamou a atenção para esse ponto - não é um fenômeno psicanalítico entre outros: é o fundamento da constituição imaginária do sujeito e o modelo dos processos ulteriores graças aos quais ele continua se diferenciando. Os mecanismos identificatórios que subentendem os textos de ficção dependem dessa dupla função fundadora e matricial.[...] (JOUVE, 2002, p. 135).

Portanto, para pensar no desenvolvimento do leitor, antes é necessário lembrar que o desenvolvimento da pessoa possui ligação direta ao desenvolvimento psíquico. Como o sujeito psíquico é constituído e o “quantum de afeto” é investido contribuirá decisivamente para os destinos do sujeito. O olhar e o carinho que incide para além do alimento que dá sustentação ao corpo é o mesmo que incide para além da palavra escrita e decodificada que dá recursos para a inserção no mundo das letras. Vê-se, nesse contexto, que a decodificação é meramente autoconservativa, o fim se encontra nela. De forma aparente, cumpre-se o papel de inserir a pessoa (criança, jovem, adulto ou velho) no mundo das letras, só que ela não reconhece o prazer por que não há prazer. Se o olhar do Outro - pai, mãe, cuidador(a), professor(a), tio(a), avô(ó), que, supostamente, já está constituído, vem investido de um *quantum* afetivo, somadas às experiências emocionais prévias e conhecimento prévio, o resultado será de satisfação, de encantamento pela leitura que é a satisfação e o encantamento pela constituição do próprio sujeito. Os horizontes de expectativas ampliam-se, naturalmente, e as possibilidades de realização também, quando se tem acesso à leitura do mundo de dentro – de cada um – e o do mundo de fora.

Sendo entendido o ato de ler como um *processo argumentativo*, o texto é resultado de uma tomada de posição reflexiva do sujeito diante dos mundos – interno e externo – que está inserido e o desejo de criação brota num conjunto organizado de elementos que buscam representação em todas as narrativas. Independente do gênero textual, o leitor, de uma forma ou de

outra, é sempre interpelado a mergulhar na leitura pela argumentação desenvolvida e o engajamento entre texto, autor e leitor é inevitável, como também, a ampliação, estagnação ou redução do seu mundo.

Na perspectiva de um *processo simbólico*, o sentido que se atribui à leitura é uma reação imediata diante da narrativa, dos argumentos propostos, do jogo entre os pontos de vista dos diversos sujeitos que na história são representados. Este jogo vai se instalar imediatamente no sujeito e no contexto cultural em que cada um se desenvolve. A leitura - do mundo interno e do mundo externo - interagindo com a cultura, reforça os esquemas dominantes do indivíduo inserido num meio e numa época, e afirma sua dimensão simbólica, agindo nos modelos de imaginário individual e coletivo independente da vontade de cada um.

Ao abordar o caráter coletivo e individual da leitura, Jouve diz que “[...] pode-se estudar a leitura seja em suas consequências globais na sociedade seja no efeito particular que produz no indivíduo.[...]”(JOUVE, 2002, p.125) E que: “[...]A obra, contudo, em vez de afiançar os valores dominantes, pode, por meio da leitura, legitimar novos valores.[...]” (Idem, p.125) Ainda, afirma que “[...] o sujeito tem a possibilidade, graças à leitura, de se redescobrir. O interesse do texto lido não vem daquilo que reconhecemos de nós mesmos nele, mas daquilo que aprendemos de nós mesmos nele.[...]”.(Idem, p.131)

Diante da reflexão teórica – interdisciplinar - entre leitura, literatura e psicanálise com vistas à constituição do sujeito (leitor), penso que é inevitável que em cada um de nós não venha à lembrança as experiências prazerosas, ou não, das histórias contadas, lidas ou assistidas na infância. Além da história *João e Maria*, dos Irmãos Grimm que meu pai contava, na sua versão, foi na edição, nos anos 1970, do seriado do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, baseado na obra de Monteiro Lobato e exibido pela Rede Globo de televisão que a geração dos anos 70 encontrou uma avó contadora de histórias na TV, a Dona Benta. Ela fazia com que as crianças pudessem se sentir suas netas, ávidas por conhecer os “segredos” e as magias do mundo e do mundo do adulto, assim como as demais personagens do *Sítio do Pica-pau Amarelo*.

Nos *Serões de D. Benta*, por exemplo, Monteiro Lobato dá voz ao narrador que pontua a perspicácia de Dona Benta quanto aos interesses dos

netos em relação às ciências. Sob o título Comichões científicas, o narrador diz:

Dona Benta havia notado uma mudança nos meninos depois da abertura do Caraminguá nº 1, o primeiro poço de petróleo no Brasil (O Poço do Visconde, do mesmo autor). Aprenderam um pingo de geologia e ficaram ansiosos por mais ciência.

- Sinto uma comichão no cérebro, disse Pedrinho. Quero *saber* coisas. Quero saber tudo quanto há no mundo...

- Muito fácil, meu filho – respondeu Dona Benta. – A ciência está nos livros. Basta que os leia.

- Não é assim, vovó – protestou o menino. – Em geral os livros de ciências falam como se o leitor já soubesse a matéria de que tratam, de maneira que a gente lê e fica na mesma. Tentei ler uma biologia que a senhora tem na estante, mas desanimei. A ciência de que gosto é a falada, a contada pela senhora, clarinha como água de pote, com explicações de tudo quanto a gente não sabe, pensa que sabe, ou sabe mal-e-mal.[...] (LOBATO,1994. p.7)

Os fragmentos do texto de Monteiro Lobato conduzem ao fechamento, e, ao mesmo tempo, à necessidade de serem seguidas as reflexões relativas à leitura, principalmente por que elas não se esgotam, mas indicam que as questões de leitura são questões para desenvolvermos a vida inteira, em todos os tempos, em todos os lugares e por todos, – família, escola, sociedade – mediados por ações de compromisso plenamente investidas por um Outro verdadeiramente humanizado. É imprescindível que as Donas Bentas sejam reeditadas e ressignificadas pelos constituidores de sujeitos – pai, mãe, avô, avó, tio(a)s, professores, bibliotecário(a)s, contadores de histórias - Aí, reside a responsabilidade e a satisfação em realizar esta constante ação a de ler, de constituir e de constituir-se sujeito (leitor).

Referências

COLASANTI, Marina. Duas frases para muita manga. In: *Fragatas para Terras Distantes*. Rio de Janeiro: Recorde, 2004.

DOLLE, Jean-Marie. *Para além de Freud e Piaget: Referenciais para novas perspectivas em Psicologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: UNESP, 2002.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. Desenvolvimento ou constituição do sujeito (do desejo): *That is the question!* In: *De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens. A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber*. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LOBATO, Monteiro. *Serões de Dona Benta*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tânia M. K. (Org.). *Questões de leitura*. Passo Fundo: UPF, 2003.